

# Vamos falar de flores

12 de maio 2005



JOSÉ SARNEY

Senador do Amapá pelo PMDB,  
foi presidente da República

Carlos Lacerda, o político, mas sobretudo o grande jornalista, numa época parecida com a que vivemos, resolveu escrever sobre a Sociedade Protetora dos Animais.

Lembrando do fato deu-me vontade de falar de flores. Sousândrade, o grande poeta, precursor do modernismo e um romântico enlouquecido, via na República a solução de todos os problemas. Quando ela veio, em 15 de novembro de 1889, ele anunciou: "República proclamada. Paus-d'arcos em flor!" Em seguida, com três adeptos, fanáticos como ele, e um tocador de rabeca, em frente ao Palácio dos Leões, sede do governo do Maranhão, determinou: "Como a República não tem hino, toca a Marselhesa!" E entrou, triunfal.

Alguns anos depois, Saldanha Marinho, também um dos lutadores da mudança de regime, quando viu o rumo das coisas, mesmos problemas, mesmas revoltas, gritou aos sete cantos: "Esta não é a República

dos meus sonhos!" Ontem, ouvi, num discurso comovente, o senador Mercadante também confessar: "Este não é o meu PT. O meu era o da fundação".

Sei que eu ia falar de flores e elas nos ensinam muitas lições: da beleza, da diversidade, das formas, dos perfumes e das inspirações. Também, da perenidade, do começo e do fim, da vida e da morte.

Na célebre "Consolação a Du Périer", que perdera uma filha, Malherbe afirmava que "tua dor, Périer, será eterna", e dava a ela o destino das coisas mais belas: "Rosa ela viveu o que vivem as rosas, / O espaço de uma manhã".

Na exploração do mesmo tema, há uma trova brasileira célebre que diz que até as flores têm sua sorte, "umas enfeitam a vida, outras enfeitam a morte".

As flores do pau-d'arco republicano de Sousândrade, belas e brilhantes, amarelas como ouro refletido, também murcharam e apodreceram. Perderam a cor, a beleza e o perfume.

Debaixo de esperanças e desencantos, vivem as pessoas e as flores. Há um certo "spleen" no Brasil atual. De repente, como numa viagem fantástica, mudou tudo: a esperança e o medo. Entramos num labirinto sem desvendar a saída.

Mas estou falando de flores. Os poetas

franceses do século 19 as associavam ao desencanto. Foi com esse sentimento que Mallarmé escreveu: "*De grandes fleurs avec la balsamique Mort* (Grandes flores com a balsâmica Morte)" e Baudelaire deu a um dos mais famosos livros da literatura mundial o título de *Flores do Mal*, onde ele confessa que "a alma de um velho poeta esvai-se pingo a pingo, na goiteira".

Mas eu vi as flores do bem com Jorge Amado, na segunda primavera de Praga, quando olhamos a liberdade invadir a grande praça, com belas ciganas distribuindo "flores de Lótus", que em cem anos florescem apenas uma vez.

Brasília, na sua aridez, tem belas flores. Flores do cerrado e flores plantadas. Espatódias vermelhas enfeitam caídas os gramados verdes, barrigudas soltam seus pedaços de "duvet" ao vento, quaresmeiras, buganvílias: cada uma a seu tempo.

Quais são as flores de agora? Na Amazônia existe uma planta, a mugueta que na floresta, de longe, espanta tudo pelo mau cheiro.

Tudo flores, que brilham, morrem e apodrecem. Mas como disse Camões, "Depois de procelosa tempestade / Noturna sombra e sibilante vento / Traz a manhã serena claridade / Esperança de porto e salvamento (*Lusíadas*, Canto 4)".